

**DALILA E ESTER:
Personalidades bíblicas linguisticamente poderosas**

Márcia Cristiane Nunes Scardueli^(*)
Aline Rodrigues de Camargo^(**)

Resumo

Este estudo teve por objetivo analisar os recursos linguísticos utilizados para a construção das personalidades Ester e Dalila em textos bíblicos. A pesquisa, de caráter bibliográfico, foi realizada a partir da perspectiva da Análise Crítica do Discurso e o *corpus* composto por passagens bíblicas que narram fatos da vida das duas personagens. A análise dessas passagens permitiu a percepção de que as duas personagens foram construídas linguisticamente poderosas.

Palavras-chave: Análise Crítica do Discurso. Poder. Personalidades Femininas.

Abstract

This study aimed to analyze the linguistic resources used to build the personalities Delilah and Esther on biblical texts. The research, bibliographical, was conducted from the perspective of Critical Discourse Analysis and the corpus consisting of Bible passages that narrate the facts of life of two characters. The analysis of these passages allowed the perception that the two characters were constructed linguistically powerful.

Keywords: Critical Discourse Analysis. Power. Feminine Characters.

Introdução

A Bíblia é um livro importante para a cultura mundial, independente da crença que alguns têm sobre sua origem. Academicamente, não é um livro muito utilizado, mas possui diversidade e riqueza linguística, que permitem explorar reflexões diversas.

Diante da grande variedade de estilos e gêneros textuais, a Bíblia é uma fonte riquíssima para o estudo de linguística, gramática e literatura. É possível afirmar que estes textos não são somente um relato da história de um povo, mas também um lugar de encontros discursivos, carregados de culturas, conhecimentos e ideologias.

^(*) Univ. do Sul de Santa Catarina (Letras; Linguística; Análise do Discurso) E-mail: mcnunes@pc.sc.gov.br

^(**) Univ. do Sul de Santa Catarina (Letras; Linguística; Análise do Discurso) E-mail: aline.rodrigues.camargo@hotmail.com.

No presente trabalho, abordamos a construção linguística da força e poder de persuasão da mulher em textos bíblicos, por meio da apresentação de duas personalidades escolhidas entre aquelas mencionadas na Bíblia, como pessoas poderosas, em função das suas ações e condutas. Foram representadas, linguisticamente, de forma que, ainda nos dias de hoje, podem ser citadas como exemplos de pessoas de caráter poderoso.

Muitos autores têm se dedicado, nos últimos tempos, os seus estudos e pesquisas para o campo das ciências da linguagem³. Segundo Farias e Pires, esta ciência permite a dialética entre os muitos saberes, como, por exemplo, as relações de gênero e discurso, isto é, a construção do feminino e do masculino manifestada nas práticas discursivas⁴.

De acordo com Wodak, a Análise Crítica do Discurso é uma abordagem crítica que compreende o texto como um meio de transmissão de ideologias. Texto esse, que, dificilmente, é o resultado do pensamento de uma única pessoa, mas sim instrumento através do qual as diferenças discursivas são negociadas⁵. Entende-se, então, que o texto é o espaço que contém indícios de diferentes ideologias e discursos em disputa pelo controle.

Nesse sentido, o objetivo geral desta pesquisa é analisar os recursos linguísticos utilizados para a construção do poder feminino na bíblia. Para tanto, o *corpus* deste trabalho é formado por textos bíblicos que narram histórias de duas mulheres: Dalila e Ester.

Linguagem, discurso e gênero

Os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio definem a linguagem como a capacidade do ser humano de organizar significações coletivas e compartilhá-las em sistemas regrados de comunicação, que se moldam às necessidades e experiências do convívio social⁶. Assim, entende-se que a linguagem é mutável e serve como instrumento de comunicação e, conseqüentemente, de práticas ideológicas. Através da

³ RODRIGUES, 2008; CALDAS-COULTHARD e LEEUWEN, 2004.

⁴ FARIAS e PIRES, 2008.

⁵ WODAK, 2004.

⁶ BRASIL, 2000.

linguagem, a cultura, a moral e a ideologia de uma sociedade são fundamentadas. Essas ideologias são transmitidas por meio da linguagem, a qual, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio, é uma herança social, uma realidade primeira que, ao ser assimilada, envolve o indivíduo e, por meio de símbolos, regula todas as estruturas mentais e emocionais do sujeito⁷. Para expressar toda essa fundamentação sócio-ideológica a linguagem acontece nas suas variadas formas: visual, gestual, falada e escrita.

Bakhtin lembra que a linguagem é responsável pelas relações interpessoais em uma natureza dialética, pois é utilizada tanto na expressão de um pensamento quanto na sua interpretação⁸.

Segundo Resende e Ramalho, para entender o discurso (uso da linguagem como prática social) é necessário compreendê-lo como um modo de ação histórico-social, constituído pelas identidades e relações sociais como também por toda estrutura de conhecimentos e crenças⁹.

A relação entre linguagem e discurso se dá continuamente e em três aspectos que são: ideacional, que é base da experiência pela linguagem, refletindo e influenciando na estrutura social; interpessoal, que relaciona os participantes no ato da comunicação e, por último, textual, o qual constitui os elementos coesivos e de coerência de um texto. Esses três aspectos fazem parte de toda a expressão de ideias e são empregados pelo sujeito para atender a um propósito¹⁰. Para Fairclough, “as pessoas fazem escolhas sobre o modelo e a estrutura de suas orações que resultam em escolhas sobre o significado (e a construção) de identidades sociais, relações sociais de conhecimento e crença”¹¹. Portanto, todo o discurso é carregado de intenções pessoais ou de um grupo e influencia na formação de opiniões e, conseqüentemente, de personalidades dos indivíduos.

A definição de gênero aqui abordada baseia-se na concepção sociológica, que entende o ser homem ou mulher não somente pela perspectiva biológica, mas também por suas atitudes e comportamentos. De acordo com Bryn:

⁷ Ibidem, 2000.

⁸ BAKHTIN, 2002 *apud* TILIO, 2008.

⁹ RESENDE, RAMALHO, 2006.

¹⁰ HALLIDAY, 1970 *apud* WODAK, 2004.

¹¹ FAIRCLOUGH, 2001, p. 104.

[...] gênero é composto dos sentimentos, das atitudes e dos comportamentos geralmente associados a homens e mulheres [...] quando você se comporta de acordo com as expectativas amplamente compartilhadas acerca de como homens e mulheres devem agir, você está adotando um papel de gênero¹².

Nesse sentido, também Scardueli compreende o gênero como a designação de diferenças sociais e culturais construídas pela sociedade, as quais moldam os papéis de homens e mulheres¹³.

De acordo com De Lucca, através da linguagem dos símbolos, das instituições e hierarquias das organizações sociais e da representação política e do poder, o sistema de gênero rege toda a vida de uma sociedade¹⁴.

Assim, é possível dizer que ser homem ou mulher está muito além do determinado pelos fatores bionaturais, há muito mais fatores sociais na construção do gênero e é a própria sociedade quem forma todo esse sistema, especialmente pelas representações linguísticas.

O poder no discurso

O conceito de poder adotado neste trabalho é o mesmo abordado pela visão foucaultiana:

[...] modo de ação de uns sobre outros [...] um conjunto de ações sobre ações possíveis; [...] opera sobre o campo de possibilidades onde se inscreve o comportamento dos sujeitos ativos; ele incita, induz, desvia, facilita ou torna mais difícil, amplia ou limita, torna mais ou menos provável; no limite, ele coage ou impede absolutamente, mas é sempre uma maneira de agir sobre um ou vários sujeitos ativos, e o quanto eles agem ou são suscetíveis de agir. Uma ação sobre ações¹⁵.

Sendo assim, o poder se estabelece em relacionamentos, em que um possui dominação ou forte influência sobre outro(s), seja no campo político, militar ou de relacionamentos interpessoais. De acordo com Wodak, a Análise Crítica do Discurso é a teoria de análise linguística que se interessa pelo estudo das relações estruturais implícitas ou explícitas de preconceito, poder e domínio notórios na linguagem¹⁶.

¹² BRYN, 2006 *apud* CASAGRANDE, AMORIM, 2007, p. 196.

¹³ SCARDUELI, 2006.

¹⁴ DE LUCCA, 2006.

¹⁵ FOUCAULT, 1995 *apud* DREYFUS e RABINOW, 1995, p. 242-243.

¹⁶ WODAK, 2004.

Entretanto, a linguagem não é poderosa por si só, mas se torna instrumento de poder à medida que é usada pelas pessoas para transmitir suas ideologias e influenciar as demais.

As relações de poder são constituídas a partir de discursos e da influência exercida por eles em uma época e meio social. Bakhtin aponta para o fato de que um signo não é considerado uma forma linguística simplesmente por sua identidade como sinal, mas por possuir uma mobilidade específica de comunicação de ideologias¹⁷. A interpretação do signo, da mesma forma, vai além de um simples reconhecimento, é uma decodificação de significados semânticos e sociais, ou seja, não só pela significação da palavra em si, mas da função que ela exerce dentro de um determinado contexto. Uma vez que todo discurso é dialógico, pois possui a percepção de quem o emite e de quem o recebe, cada elemento discursivo é carregado de intenções, as quais podem representar o poder manifestado através do discurso.

Em se tratando do dialogismo do discurso, segundo Resende e Ramalho, a perspectiva interacional superou a ideia anterior da linguística, a qual determinava os parceiros da comunicação como: o locutor, o ativo e o ouvinte, o passivo. Essa perspectiva foi alterada, pois mesmo em um texto escrito, cuja leitura é aparentemente passiva, existe a relação dialógica formada pelos discursos anteriores já arraigados no entendimento do leitor sobre aquele assunto que influenciará, diretamente, na perspectiva do leitor sobre o novo conhecimento¹⁸. É nesse viés que são constituídas as relações de poder: através da transmissão de ideologias e do efeito causado na interação emissor/receptor.

Foucault defende a ideia de que a maioria das instituições abole o uso da força física e se serve de práticas discursivas para exercer o poder sobre as pessoas, pois mais forte do que qualquer ato de tortura é a influência exercida pelos discursos veiculados¹⁹.

Entende-se assim, que, em função de o poder também ser exercido através de discurso, que, por sua vez, é dialógico, só exerce poder sobre determinada pessoa ou sociedade alguém que seja escolhido por ela. Nesse sentido, considera-se que a relação de poder se estabelece, também, com base na resposta do receptor ao discurso articulado.

¹⁷ BAKHTIN, 1997.

¹⁸ RESENDE e RAMALHO, 2006.

¹⁹ FOUCAULT, 2004.

Personalidades femininas analisadas

As duas personagens femininas selecionadas na Bíblia para a realização deste trabalho foram representadas no texto bíblico por meio de construções linguísticas que revelam, de alguma forma, o poder exercido por elas sobre pessoas ou povos. Dalila e Ester serão, então, aqui apresentadas e discutidas com o propósito de refletir sobre o poder atribuído a essas mulheres, na Bíblia. Em função de serem personalidades antagônicas, salienta-se que o poder muitas vezes utilizado de forma sábia, pode também ser cruel e egoísta. Ester usou seu poder de persuasão a fim de salvar o povo ao qual pertencia; Dalila, por sua vez, entregou o homem com quem estava romanticamente envolvida, em face de sua ambição e egoísmo.

Segundo Losch, Dalila provavelmente era de origem filisteia, da região montanhosa do vale de Soreque (hoje, região que faz parte da Faixa de Gaza). Movida pela ambição, Dalila, juntamente com os líderes filisteus, decidem derrotar Sansão, grande guerreiro da tribo de Dã (hoje, território de Israel), da qual ele era o juiz, além de ser homem de muita força física²⁰.

Dalila era amante de Sansão e, também, uma mulher muito ambiciosa. De acordo com Patterson, ela, impiedosamente, entregou Sansão ao exército filisteu em troca de uma grande quantia em dinheiro. Para obter êxito em sua traição, Dalila usou seu poder de persuasão e sedução e convenceu o amante a revelar que o segredo de sua força física estava nos cabelos²¹.

A escolha dessa personalidade bíblica feminina deve-se ao fato de que, através do poder de sedução, manifestado na linguagem, Dalila tornou Sansão tão vulnerável a ponto de se deixar dominar e, conseqüentemente, ser entregue aos seus inimigos, conforme o relato do livro de Juízes, Capítulo 16, Versículos 19 e 21: “Então, Dalila fez dormir Sansão nos joelhos dela e, tendo chamado um homem, mandou rapar-lhe as sete tranças da cabeça; passou ela a subjugar-lo; e retirou-se dele a força”²². Em função da

²⁰ LOSCH, 2008.

²¹ PATTERSON, 2003.

²² BÍBLIA SAGRADA, 1993, p. 279.

atitude de Dalila, Patterson a descreve como uma mulher espirituosa, insistente, fascinante, instigante, faceira e provocante²³.

Ester era órfã e foi criada pelo primo Mordecai. Moradora de Susã (hoje, território do Irã, Ester foi, inicialmente, chamada Hadassa, mas trocou seu nome por Ester, a fim de ocultar sua origem judia, quando foi chamada para estar entre as moças que seriam escolhidas para substituir a rainha Vasti, que fora deposta por desobedecer a uma ordem do Rei Assuero.

Essa personagem bíblica era judia, pertencente ao povo perseguido pelo Rei, sob influência de Hamã, que decretou morte a todos os judeus em decorrência da sua inimizade por Mordecai, o qual não lhe reverenciava, como relata o Capítulo 3 do livro de Ester: “Enviaram-se as cartas, por intermédio dos correios, a todas as províncias do rei, para que se destruíssem, matassem, aniquilassem de vez a todos os judeus, moços e velhos, crianças e mulheres [...], e que lhes saqueassem os bens”²⁴.

Ester, além de convencer o Rei a livrar o povo judeu da morte, conquistou a sua confiança, a ponto de escrever um decreto que entrou para os registros oficiais. Patterson afirma que esta personagem, através de todas as suas qualidades e ações no reino, fez jus ao significado de seu nome persa ‘Estrela’, pois se destacou e conquistou respeito e atenção como rainha, tornando-a uma representante da ousadia feminina nos tempos bíblicos²⁵.

Dalila e Ester foram personagens bíblicas femininas construídas linguisticamente como personalidades poderosas. Neste artigo, pretende-se explorar os recursos linguísticos empregados para a construção desse poder, a partir de fragmentos de textos bíblicos que narram eventos relacionados a elas, sob o enfoque tridimensional do discurso, proposto por Fairclough, na Análise Crítica do Discurso²⁶. Esse enfoque, de acordo com Cordeiro, sugere uma análise do discurso em três dimensões: textual, discursiva e social, destacando que a segunda age como mediadora entre a primeira e a terceira²⁷.

²³ PATTERSON, 2003.

²⁴ BÍBLIA SAGRADA, 1993, p. 263.

²⁵ PATTERSON, 2003.

²⁶ FAIRCLOUGH, 2001.

²⁷ CORDEIRO, 2008.

Dalila: uma mulher sedutora e persuasiva

Os textos que se seguem para a análise da construção linguística do poder de Dalila encontram-se no livro de Juízes, o qual, segundo Patterson, relata histórias de todos os que julgaram Israel, provavelmente, na época do início da monarquia em 1050 a.C.²⁸.

Sansão, o homem a quem Dalila seduziu e destruiu, foi um dos juízes de Israel de maior destaque na Bíblia, pela força física descomunal que possuía. Ele, em uma de suas lutas, encontrou a carcaça da mandíbula de um jumento e a utilizou para ferir mil soldados filisteus, conforme descrito em Juízes, Capítulo 15 e Versículos 14 a 20²⁹.

Os líderes do povo filisteu, inimigos de Sansão e de seu povo, sabendo do envolvimento de Sansão com Dalila, decidiram procurá-la para encontrar uma maneira de derrotá-lo, como é revelado no Capítulo 16, Versículo 5 do livro de Juízes: “Então, os príncipes dos filisteus subiram a ela e lhe disseram: Persuade-o e vê em que consiste a sua grande força e com que poderíamos dominá-lo e amarrá-lo, para assim o subjugar; e te daremos cada um mil e cem ciclos de prata”³⁰.

A primeira tentativa de descobrir o segredo de Sansão foi feita a partir das seguintes palavras de Dalila, descritas no Capítulo 16, Versículo 6, do livro de Juízes: “Disse, pois, Dalila a Sansão: Declara-me, peço-te, em que consiste a tua grande força e com que poderias ser amarrado para te poderes subjugar?”³¹.

Nesse período, percebe-se o uso de verbo “declarar” no imperativo, conjugado na segunda pessoa do singular “tu”: “declara-me”. A preferência a esse pronome pessoal, sujeito oculto da oração, indica que Dalila se refere a ele de maneira atípica para os costumes da época, quando as mulheres se endereçavam aos companheiros através dos pronomes de tratamento. Além disso, Dalila não estava simplesmente fazendo uma pergunta, ela estava pressionando Sansão, de modo a fazê-lo declarar o que ela gostaria de saber.

Ainda no mesmo período, percebe-se que a personagem utiliza o verbo “pedir” na primeira pessoa do singular, fazendo-se sujeito ativo da oração, com o escopo de

²⁸ PATTERSON, 2003.

²⁹ BÍBLIA SAGRADA, 1993.

³⁰ Ibidem, 1993, p. 278.

³¹ Ibidem, 1993, p. 278.

ocultar o autoritarismo que ficaria implícito na conjugação do verbo anterior. Esse intuito demonstra a perspicácia dessa mulher, pois, ao mesmo tempo em que ordena algo, se faz submetida à vontade de Sansão, parecendo rogar atenção ao seu pedido.

A história se segue com o relato de mais duas tentativas de descobrir o segredo de Sansão, às quais ele responde com mentiras, ocasionando frustrações à Dalila, pois, ela fazia o que ele alegava causar a sua fraqueza e ele sempre conseguia se evadir. Por fim, Dalila usou de chantagem emocional para convencê-lo a lhe contar a verdade. Como se pode perceber no fragmento a seguir, transcrito do livro de Juizes, Capítulo 16, Versículos 15 a 19:

Então, ela lhe disse: Como dizes que me amas, se não está comigo o teu coração? Já três vezes zombaste de mim e ainda não me declaraste em que consiste a tua grande força. Importunando-o ela todos os dias com suas palavras e molestando-o, apoderou-se da alma dele uma impaciência de matar. Descobriu-lhe todo o coração e lhe disse: Nunca subiu navalha à minha cabeça, porque sou nazireu de Deus, desde o ventre de minha mãe; se vier a ser rapado, ir-se-á de mim a minha força, e me enfraquecerei e serei como qualquer outro homem.

Vendo, pois, Dalila que já lhe descobrira todo o coração, mandou chamar os príncipes dos filisteus, dizendo: subi mais esta vez, porque, agora, me descobriu ele todo o coração. Então, os príncipes dos filisteus subiram a ter com ela e trouxeram com eles o dinheiro.

Então, Dalila fez dormir Sansão nos joelhos dela e, tendo chamado um homem, mandou rapar-lhe as sete tranças da cabeça; passou ela a subjugar-lo; e retirou-se dele a sua força³².

No primeiro período, Dalila põe à prova o amor de Sansão, servindo-se da expressão “como dizes que me amas, se não está comigo o teu coração?”. Nesse trecho, tem-se o uso da metonímia, quando a palavra coração é utilizada para indicar o sentimento de confiança e amor. Pelo uso da conjunção condicional “se” fica explícito que, quando alguém ama, deve entregar-se completamente a outra pessoa. Nesse mesmo período, Dalila se coloca numa posição de enganada e magoada, quando emprega o verbo “zombar” na segunda pessoa do singular e, assim, se posiciona como vítima de chacota.

No período seguinte, o emprego dos verbos “importunar” e “molestar”, ambos no gerúndio, apontam para a continuidade de ações de incômodo e perturbação que desencadearam a privação de discernimento de Sansão. Ainda, observa-se a aplicação do verbo “apoderar”, o qual, por si só já indica domínio. É de extrema relevância, também, observar a colocação da metáfora “impaciência de matar”, como definição do

³² Ibidem, 1993, p. 279.

sentimento, sujeito ativo da ação “apoderar-se”. A ordem inversa da oração é empregada para dar mais ênfase à ação do que ao sujeito, no entanto, a figura de linguagem mencionada torna o sujeito tão pertinente quanto à ação praticada por ele. Em se tratando, ainda, da metáfora utilizada pode-se refletir sobre o termo “impaciência”, um substantivo abstrato que denota, segundo o dicionário Michaelis, “falta de paciência, irritação, sofreguidão, pressa”³³. As definições aplicadas nesse contexto indicam irritação e sofreguidão, palavras designadoras de sentimentos ruins. A locução adjetiva “de matar”, característica figurada da impaciência de Sansão propõe o ponto extremo a que chegou o seu estado emocional. Atenta-se também para a palavra “alma”, a qual tem uma de suas definições, pelo dicionário Michaelis, como “princípio imaterial da vida, do pensamento e da ação”³⁴, permitindo a interpretação de que a impaciência de Sansão atingiu-o por completo, ou seja, em todos os aspectos de seu caráter.

Esse conjunto de recursos linguísticos mencionados sugere a manifestação do poder exercido por Dalila sobre Sansão, através das palavras. É possível afirmar que qualquer leitor, ao analisar as ações prévias do casal, poderia perceber que o intuito de Dalila era destruir Sansão, ele, porém, não enxergava por esse prisma.

O verbo “descobrir”, do terceiro período do fragmento, denota a entrega total de Sansão à Dalila, pois é a partir desse ato, que acontece a revelação verdadeira e completa do segredo dele. Ao falar à Dalila que se o seu cabelo fosse rapado, ele seria como qualquer outro homem, ele deixa implícita a informação de que era privilegiado por sua força superior a dos demais. Diante disso, o poder de persuasão de Dalila se torna ainda mais evidente, pois ela foi capaz de fazer um homem em tal posição ficar a sua mercê.

O uso do sentido da visão, para relatar a percepção de Dalila em relação ao que Sansão lhe contara, através do verbo “ver” em sua forma nominal, no início do penúltimo período, demonstra, mais uma vez, a perspicácia de Dalila, porque ela tem a capacidade de perceber que Sansão estava totalmente entregue a ela. Em consequência disso, Dalila chama os príncipes filisteus que sobem a ela, trazendo consigo o dinheiro

³³ MICHAELIS, 2008, p. 455.

³⁴ Ibidem, 2008, p. 38.

prometido. A conotação do verbo “subir” mantém novamente Dalila em posição de superioridade.

Finalmente, ao relatar que “Dalila fez dormir Sansão nos joelhos”, ele é colocado em uma posição de vulnerabilidade e fragilidade semelhante à de uma criança, cuja mãe faz dormir em seu colo. Esse lugar, que indica segurança e proteção, é utilizado por Dalila com perversidade e impiedade, pois é onde Sansão está quando ela manda que cortem o seu cabelo e passa a subjugar-lo. O uso do verbo “subjugar” também é indicador de domínio e sedução exercidos por ela em relação a ele, pois é a partir desse subjugo que a força de Sansão é retirada dele.

Assim, percebe-se que os recursos sintáticos utilizados nos textos bíblicos apresentados, como a inversão da ordem normal dos termos da oração, e dos semânticos, como a metáfora e a metonímia, bem como a escolha das classes de palavras (verbos, pronomes, substantivos, entre outros), foram utilizados de modo a não deixar quaisquer dúvidas em relação ao poder de sedução e persuasão exercido por Dalila, que só pode ser conhecido e desvendado através da análise “textual”.

Ester: uma mulher corajosa e altruísta

A história dessa mulher é relatada na Bíblia, no livro de Ester, nomeado em sua homenagem, fato que contribui para o seu destaque dentre as personalidades bíblicas.

O rei Assuero governou a Pérsia (hoje Irã) por 21 anos, e esse território administrado por ele se estendia de onde hoje é a Índia, a leste, até a Turquia e Etiópia, a oeste, totalizando 127 províncias³⁵.

Vasti, uma mulher de grande formosura, era a rainha, esposa de Assuero, no início desse período de reinado. No terceiro ano de governo, Assuero ofereceu um banquete durante 180 dias, para todos os nobres e príncipes das províncias que faziam parte do seu reino, a fim de mostrar as suas riquezas e grandezas. Passados esses dias, o rei convocou todos os que se achavam na cidade de Susã que, segundo Patterson, era a estância de inverno dos reis persas e a capital política e administrativa de seu vasto

³⁵ SCHIMIDT, 2007.

império, para um banquete no pátio do jardim do palácio real, por sete dias³⁶. Nesse interim, Vasti também se banqueteara com as mulheres do palácio real.

No último dia do festim do rei, este, embriagado, como relata o Capítulo 1 e os Versículos 10 a 22 do livro de Ester³⁷, convoca a presença da rainha com sua coroa real, para mostrá-la aos povos e aos príncipes, porém ela se recusa a ir, pois, de acordo com Josefo, era um costume persa não permitir que as mulheres se apresentassem diante de estrangeiros³⁸. Esse fato irritou muito o rei, porque apesar do costume persa, ela deveria tê-lo obedecido, já que era lei atender aos seus chamados. O rei, então, reuniu-se com seus conselheiros e sábios para decidir o que fazer nesse caso. A corte, alegando ser um mau exemplo para todas as mulheres do reino o que Vasti fez, lança um edito real, proibindo-a de chegar à presença do rei, bem como informando que a posição de rainha seria entregue a outra mulher que fosse considerada mais merecedora que Vasti.

Passados aproximadamente cinco anos da deposição da rainha Vasti, o rei Assuero foi aconselhado pelos jovens príncipes a encontrar uma nova rainha, e é nesse contexto que a personagem Ester apareceu, entre as donzelas trazidas para a escolha da sucessora de Vasti. Segundo Josefo, as quatrocentas moças ficaram por seis meses se preparando, perfumando-se e se adornando para, passado esse período, passar a noite com o rei e pela manhã voltarem à casa onde permaneceram, longe de suas famílias, durante o tempo de preparação para o rei. As moças que passavam a noite com o rei, não mais voltavam a sua presença, salvo se eram desejadas pelo rei e chamadas pelo nome³⁹.

O livro de Ester relata, no Capítulo 2, Versículo 9⁴⁰, que ela alcançou favor diante do eunuco responsável por apresentar as donzelas ao rei, pela sua beleza⁴¹, e este a beneficiou com um quarto especial na casa das mulheres.

O fragmento seguinte, transcrito do livro de Ester, Capítulo 2 e Versículo 17, narra a reação do rei ao conhecê-la: “O rei amou a Ester mais do que todas as mulheres,

³⁶ PATTERSON, 2003.

³⁷ BÍBLIA SAGRADA, 1993.

³⁸ JOSEFO, 2004.

³⁹ Ibidem, 2004.

⁴⁰ BÍBLIA SAGRADA, 1993.

⁴¹ PATTERSON (2003, p. 629) afirma que, segundo o Talmude judaico (livro de doutrinas, relatos e costumes judeus) Ester foi uma das quatro mulheres mais belas de todos os tempos.

e ela alcançou perante ele favor e benevolência, mais do que todas as virgens; o rei pôs-lhe na cabeça a coroa real e a fez rainha em lugar de Vasti”⁴².

O verbo “amar” conjugado na terceira pessoa do singular, “o rei” como sujeito ativo da oração e “Ester” como objeto indireto e elemento de comparação de superioridade em relação a “todas as mulheres” indicam o que o rei sentiu ao vê-la. Já a oração seguinte tem “ela” como sujeito ativo, “favor e benevolência” como objeto direto, “ele” como objeto indireto e a inversão desses termos dentro da oração, dão ênfase à ação de Ester, pois ela encantou a Assuero de forma que, como a oração seguinte relata, ele pôs a coroa na cabeça dela e a nomeou rainha. Patterson afirma que tamanho foi o encantamento do rei por Ester que depois de conhecê-la a busca pela nova rainha estava encerrada⁴³.

Então o rei celebrou a coroação de Ester juntamente com os príncipes e servos do reino. Até esse momento, ela não havia declarado sua linhagem e o povo ao qual ela pertencia.

Algum tempo depois, o primo de Ester, Mordecai, estava assentado à porta do rei, que, segundo Patterson, era uma construção onde geralmente serviços administrativos e judiciais do reino eram realizados, ou seja, ele exercia um cargo oficial dentro da corte real, e veio ao seu conhecimento que dois dos guardas da porta tramavam contra a vida do rei⁴⁴. O livro de Ester, no Capítulo 2 e Versículo 22 relata os acontecimentos posteriores aos mencionados acima: “Veio isso ao conhecimento de Mordecai que o revelou à rainha Ester, e Ester o disse ao Rei, em nome de Mordecai”⁴⁵.

A repetição do nome “Ester” exercendo funções sintáticas diferentes, primeiro de objeto indireto e depois de sujeito ativo da oração seguinte, é um recurso linguístico utilizado para enfatizar a ação dela, imediatamente após ficar a par da trama. O fato de ela ter dito ao rei “em nome de Mordecai” revela o seu caráter justo, pois ela não se aproveitou da situação para se engrandecer diante de Assuero, mas deu crédito àquele que o merecia, Mordecai.

O primeiro-ministro do rei, Hamã, ao qual Assuero ordenou que todos reverenciassem, nutria um profundo sentimento de antipatia por Mordecai pois, de todos

⁴² BÍBLIA SAGRADA, 1993, p. 530.

⁴³ PATTERSON, 2003.

⁴⁴ Ibidem, 2003.

⁴⁵ BÍBLIA SAGRADA, 1993, p. 530.

os servos que ficavam à porta do rei, o primo de Ester era o único que não se prostrava diante de Hamã. Segundo as leis dos judeus, como afirma Josefo, era proibido se prostrar diante de homens e é por isso que Mordecai refutava reverenciar Hamã dessa forma. Este, descobrindo a origem dele, enfureceu-se e influenciou o rei a designar uma lei que determinasse a morte ao povo judeu e o saque de todos os seus bens, pois alegou que esse povo seguia uma lei diferente da dos persas e isso não convinha ao reino⁴⁶. Assuero, então, decretou a destruição de todos os judeus e o saque de seus bens e selou a ordem com o anel real.

Os eunucos e damas de Ester lhe falaram sobre o tumulto causado pela outorgação da lei na cidade de Susã. O Versículo 5, do Capítulo 4 do livro de Ester, que se segue para análise, relata a preocupação dela para com o seu povo, em razão da lei: “Então Ester chamou a Hataque, um dos eunucos do rei, que este lhe dera para a servir, e lhe ordenou que fosse a Mordecai para saber que era aquilo e o seu motivo”⁴⁷.

Nesse período, pode-se notar “Ester” como sujeito ativo dos verbos “chamar” e “ordenar”, e como objeto indireto do verbo “servir”. As ações praticadas por ela são indicadoras de capacidade de decisão e autoridade, e o fato de o rei ter designado um dos eunucos especificamente para servir a sua esposa demonstra a importância dela no reino.

Mordecai, por intermédio de Hataque, contou a Ester tudo o que acontecera e sobre os planos de destruição projetados por Hamã e lhe pediu que intercedesse pelo povo junto ao Rei. Embora soubesse da sentença de morte destinada àqueles que chegassem diante do rei sem ordem expressa dele⁴⁸, Ester, mesmo sem ser chamada à presença de Assuero havia trinta dias, decidiu ir ao encontro do Rei para clamar pelo seu povo⁴⁹. Os Versículos 15, 16 e 17 do Capítulo 4 do livro de Ester, a seguir, relatam os acontecimentos posteriores aos acima aludidos:

Então, disse Ester que respondesse a Mordecai: vai, ajunta todos os judeus que se achar em Susã, e jejuai por mim, e não comais, nem bebais por três

⁴⁶ JOSEFO, 2004.

⁴⁷ BÍBLIA SAGRADA, 1993, p. 532.

⁴⁸ De acordo com Patterson (2003, p. 634), a lei de não-aproximação do rei sem sua ordem servia como proteção contra assassinatos. Essa ditava que qualquer indivíduo, mesmo pertencente à família real, quando desejasse ver o Rei, deveria mandar uma mensagem antecipadamente solicitando uma audiência.

⁴⁹ BÍBLIA SAGRADA, 1993, p. 532.

dias, nem de noite nem de dia; eu e as minhas servas também jejuaremos. Depois, irei ter com o Rei, ainda que é contra a lei, se perecer, pereci. Então, se foi Mordecai e tudo fez segundo Ester lhe havia ordenado⁵⁰.

A análise textual do primeiro período indica o uso de verbos no imperativo, como “vai”, “ajunta”, “jejuai”, “comais” e “bebais”, todos proferidos por Ester, construção linguística que sustenta sua voz de comando. No final do período, o uso do advérbio de modo “também” se referindo ao ato de jejuar demonstra como a rainha não só ordenava, mas também servia de exemplo para o povo. Dessa forma, pode-se perceber que essa personagem não era obedecida simplesmente pela sua posição hierárquica, mas pela influência pessoal que exercia.

A primeira oração do versículo seguinte é composta pelo verbo “ir” no futuro do modo indicativo, o qual denota uma resolução, independente da circunstância, ela está decidida a ir ter com o rei, fato esse também ressaltado pela oração subordinada concessiva “ainda que é contra a lei”. Percebe-se que Ester era altruísta a ponto de arriscar sua vida em favor de seu povo, característica esta evidenciada pela sua enunciação “se perecer, pereci”.

O próximo período a ser analisado é composto pela ação de Mordecai em seguimento da ordem de Ester. A construção dessa frase salienta novamente a autoridade exercida pela rainha, através do uso da conjunção conformativa “segundo” ligando as orações “e tudo fez” e “Ester lhe havia ordenado”, reforçada pela locução verbal “havia ordenado”.

O Capítulo 5 e Versículos 1 e 2 narram a preparação de Ester para ver o rei, o momento em que ela chega até o pátio da casa real e o ato de amor de Assuero ao lhe estender o cetro para que ela não morresse por infringir a lei. A seguir a transcrição dos dois versículos mencionados para análise:

Ao terceiro dia, Ester se aprontou com seus trajes reais e se pôs no pátio interior da casa do Rei, defronte da residência do Rei, o rei estava sentado no seu trono real fronteiro à porta da residência.

Quando o Rei viu a Rainha Ester parada no pátio, alcançou ela favor perante ele; estendeu o rei para Ester o cetro de ouro que tinha na mão; Ester se chegou e tocou a ponta do cetro⁵¹.

O primeiro versículo revela o cuidado que Ester teve ao se apresentar diante do rei, ela se vestiu apropriadamente para se encontrar com o esposo. Segundo Patterson,

⁵⁰ Ibidem, 1993, p. 532.

⁵¹ Ibidem, 1993, p. 532-533.

historiadores gregos descreveram os mantos reais persas como trajes de cores vivas, com pedras preciosas e grande quantidade de ouro, uma combinação de esplendor e brilho, o que indica que os trajes usados por Ester estavam à altura da riqueza do reino persa. Ela se serviu de sua beleza e do encantamento proporcionado pelas roupas para ganhar a atenção do rei e poder cumprir o que prometera ao povo, demonstrando, integridade e coragem⁵².

O texto afirma que ao perceber a presença da rainha, Assuero deu-lhe o benefício de ter uma audiência com ele, mesmo sem ser convocada, ação expressa pela oração “alcançou ela favor perante ele”. Além disso, a inversão dos termos “alcançou” e “ela” e, posteriormente, “estendeu” e “o rei” enfatiza a ação e não o sujeito ativo da oração. Esse mesmo recurso linguístico é utilizado na colocação dos objetos direto e indireto do verbo “estender”, o objeto indireto “para Ester” está anteposto ao objeto direto “o cetro de ouro”, desse modo, Ester recebe mais destaque, ainda que implícito, do que o ato de estender o cetro. Por fim, ela se aproximou do rei e tocou a ponta do cetro, demonstrando reverência perante Assuero, ou seja, ela teve sabedoria e humildade, mesmo após receber a aprovação dele.

Após o primeiro momento do encontro, o rei percebe alguma diferença no comportamento de sua esposa, de tal maneira que lhe questiona: “Que é o que tens, Rainha Ester, ou qual é a tua petição? Até metade do reino se te dará”⁵³. Atenta-se para a última expressão proferida pelo rei, pois, de acordo com Patterson, os reis do antigo oriente quando queriam demonstrar sua disposição generosa para com outra pessoa utilizavam a sentença “Até metade do reino se te dará”⁵⁴. Essa metáfora é proferida pelo rei três vezes ao longo da história, nos Versículos 3 a 6 do Capítulo 5 e 2 do Capítulo 7⁵⁵, intensificando, assim, a certeza de que ele faria tudo o que Ester pedisse.

Mediante o questionamento do rei, Ester poderia ter explicado o motivo de sua preocupação e clamar pelo seu povo imediatamente, contudo ela o convidou para um banquete, de modo a se assegurar da benevolência alcançada por ela diante do rei. Para tal, ela também convidou Hamã, o mentor da trama de destruição dos judeus.

⁵² PATTERSON, 2003.

⁵³ BÍBLIA SAGRADA, 1993, p. 533.

⁵⁴ PATTERSON, 2003.

⁵⁵ BÍBLIA SAGRADA, 1993.

Assuero dá ordem aos servos para chamarem Hamã da seguinte forma: “Fazei apressar a Hamã para que atendamos ao que Ester deseja”⁵⁶. A presença do verbo “fazer” no imperativo e “atender” no presente do subjuntivo representa o desejo do rei de atender ao desejo de sua esposa imediatamente, bem como o verbo “apressar” apresenta a mesma ideia de rapidez e agilidade. Isto demonstra o quão importante Ester era para receber toda a atenção do rei.

Prontamente Assuero e Hamã foram ao banquete preparado por Ester, e, novamente, o rei indagou a Ester qual era desejo dela, assegurando-lhe que tudo o que ela pedisse seria realizado. A rainha usou de reverência ao se dirigir ao rei, demonstrando sabedoria quando respondeu ao questionamento dele com um pedido: “se achei favor perante o rei, e se bem parecer ao rei conceder-me a petição e cumprir meu desejo, venha o rei com Hamã ao banquete que lhes hei de preparar amanhã, e, então, farei segundo o rei me concede”⁵⁷.

Nas duas orações iniciais do período, tem-se o uso da conjunção “se”, que expressa uma condição para que o pedido e o desejo de Ester fossem cumpridos. Dessa forma, ela se faz entender que o rei e Hamã deveriam comparecer em outro banquete que a rainha prepararia, somente se essa fosse a vontade do rei e se ela tivesse achado graça diante dele. Essa expressão de vulnerabilidade e sujeição à vontade do rei demonstra o quanto Ester era humilde e não tentava dar ordens a seu esposo. Por mais que tivesse forte influência, sabia como se dirigir ao rei de forma direta, mas sem ordenar nada. Essa forma de convite se mostra irrecusável para o rei.

As ações de Ester, analisadas anteriormente, demonstram a astúcia da rainha em ganhar a confiança do rei, para assim poder contar o que a afligia. Não só isso, mas também fez Hamã acreditar que possuía um lugar de honra na corte. Um pedido da rainha Ester para um banquete era sem dúvida de grande importância, tanto que Hamã ao falar com sua esposa diz: “a própria rainha Ester a ninguém fez vir com o rei ao banquete que tinha preparado, senão a mim; e também para amanhã estou convidado por ela, juntamente com o rei”⁵⁸. A utilização do adjetivo “própria” na oração inicial não somente indica que a rainha fez o convite pessoalmente como deixa implícito que

⁵⁶ Ibidem, p. 533.

⁵⁷ Ibidem, p. 533.

⁵⁸ Ibidem, p. 533.

não foi somente a esposa do rei que o convidou, mas sim a rainha Ester, isto, demonstra o quanto importante ela era dentro do reino de Assuero.

O dia do tão esperado banquete chegou, o rei e Hamã estavam presentes para celebrar com a rainha. Após o segundo dia de banquete, Assuero perguntou a Ester qual era realmente o seu desejo e a sua petição e reafirmou a sua palavra em cumprimento dos pedidos de Ester. O momento era difícil e delicado, pois Ester revelaria sua verdadeira origem e pediria em favor do povo de Israel. Assim, disse ao rei:

se perante ti, ó rei, achei favor, e se bem parecer ao rei, dê-se-me por minha petição a minha vida, e, pelo meu desejo, a vida de meu povo. Porque fomos vendidos, eu e o meu povo, para nos destruírem, matarem e aniquilarem de vez; se ainda como servos e como servas nos tivesse vendido, calar-me-ia, porque o inimigo não merece que eu moleste o rei⁵⁹.

No fragmento acima vemos, novamente, o uso da conjunção condicional “se”, não só para expressar ideia de hipótese, mas também no intento de reverência e humildade da rainha diante do rei, ações estas frequentemente percebidas em Ester, que ficam intensificadas com a utilização do vocativo, “ó rei”. Percebe-se o cuidado da rainha quanto ao emprego das palavras, visto que o seu pronunciamento seguinte seria rogar pela sua vida e a do povo judeu. Quando Ester explica o motivo do pedido, ela usa do recurso linguístico da inversão ao colocar a locução verbal “fomos vendidos” anteriormente ao sujeito composto da oração “eu e o meu povo”, para enfatizar a ação sofrida pelo sujeito. Pode-se observar também a flexão da voz verbal passiva analítica presente na estrutura dos verbos “ser” e “vender”; o primeiro como auxiliar e o segundo principal e no particípio, fazem o sujeito composto “eu e o meu povo” passivo da ação. Esse enunciado de Ester explicita a difícil situação em que o povo de Israel se encontrava e que é ressaltada pelo emprego da figura de linguagem amplificação nas orações “para nos destruírem, matarem e aniquilarem de vez”, num desdobramento gradativo em uma ordem crescente, deixa implícito que Ester e seu povo dependiam, totalmente, da ação benévola do rei Assuero.

Ao que se segue, no fragmento apontado, tem-se uma inversão que coloca a oração principal após a subordinada adversativa condicional sinalizada pela conjunção “se”, demonstrando que a essa condição necessita mais atenção do que a ação expressa pela oração principal. Ester finaliza seu discurso, no mesmo tom do início, com

⁵⁹ Ibidem, p. 534.

referência e sabedoria, ao afirmar que ela somente o estava “molestando”, porque a sua vida e a do povo de Israel corriam perigo. A perseguição de Hamã não era suficientemente importante para que a fizesse ir até o rei, pois ela afirma que se ele simplesmente tivesse vendido os judeus como servos, ela não se importaria, mas a vida de seu povo estava em risco e o rei era sua única esperança.

O Capítulo 7 e os Versículos 5, 6 e 7 do livro de Ester⁶⁰ narram o momento em que a rainha revelou ao rei quem era o inimigo que a afligia e intentava contra sua vida e a do povo de Israel. Assuero, quando descobriu que Hamã era o mentor de toda a trama para exterminar com o povo de sua amada rainha, retirou-se e ficou no pátio do palácio, mas Hamã ficou junto a Ester para rogar a misericórdia dela para com sua vida. Assuero, quando retornou à sala do banquete, o encontrou prostrado sobre os pés da rainha, o que indignou o rei, pois, segundo Patterson, era um comportamento inapropriado beijar ou segurar os pés das mulheres do harém do rei, quanto mais os da rainha⁶¹. O gesto de Hamã, mesmo que somente estivesse ajoelhado ante Ester foi interpretado pelo rei como afronta. O correto seria Hamã ter deixado a sala juntamente com o rei, mas ele não o fez.

No Versículo 7 do Capítulo 7 do livro de Ester descreve-se o motivo pelo qual Hamã permaneceu na sala do banquete: “O rei, no seu furor, se levantou do banquete do vinho e passou para o jardim do palácio; Hamã, porém, ficou para rogar por sua vida à rainha Ester, pois viu que o mal contra ele já estava determinado pelo rei”⁶². A terceira oração é uma coordenada sintética adversativa, representada pela conjunção “porém”. Hamã conhecia o protocolo sobre tocar nas mulheres do harém do rei, mas ele sabia que somente a rainha poderia mudar a sentença que o rei já determinara contra a vida dele. Este ato desesperado de Hamã em suplicar por sua vida à rainha mostra a influência que Ester mantinha perante Assuero.

Mediante a revelação das más intenções de Hamã para com o povo judeu, o rei se encheu de raiva e sentenciou Hamã a morrer na própria forca que havia construído para enforcar Mordecai. Naquele mesmo dia, após o cumprimento da sentença de morte de Hamã, o rei entregou à Ester a casa de Hamã, pois naquela época, como Patterson afirma, as propriedades de um traidor eram confiscadas e entregues aos tesouros do

⁶⁰ Ibidem, 1993.

⁶¹ PATTERSON, 2003.

⁶² BÍBLIA SAGRADA, 1993, p. 534.

rei⁶³, mas Assuero entregou esses bens à Ester, como pedido de desculpa à ofensa sofrida por ela, como relata o Capítulo 8 e Versículo 1 do livro de Ester. O rei chama Mordecai, pois, a rainha o fez saber que era seu primo e prontamente tirou o seu anel que anteriormente havia entregue a Hamã e o deu a ele. Os Versículos 3 a 4 do Capítulo 8 de Ester narram como a rainha com humildade entregou as propriedades que ganhara do rei aos cuidados do primo Mordecai e ainda intercedeu para que as cartas de destruição contra o povo judeu entregue às províncias do reino da Pérsia, fossem revogadas.

No trecho abaixo, tem-se quatro orações subordinadas adverbiais condicionais indicadas pela preposição “se”, “se bem parecer ao rei”, “se eu achei favor perante ele”, “se esta coisa é reta diante do rei,” e “se nisto lhe agrado”.

[...]Estendeu o rei para Ester o cetro de ouro. Então, ela se levantou, pôs-se de pé diante do rei e lhe disse: Se bem parecer ao rei, se eu achei favor perante ele, se esta coisa é reta diante do rei, e se nisto lhe agrado, escreva-se que se revoguem os decretos concebidos por Hamã, filho de Hamedata, o agagita, os quais ele escreveu para aniquilar os judeus que há em todas as províncias do rei.

Pois como poderei ver o mal que sobrevirá ao meu povo? E como poderei ver a destruição da minha parentela?⁶⁴

Essas orações refletem que os decretos contra os judeus elaborados por Hamã, seriam anulados somente se Ester recebesse o favor e a benevolência do rei.

No último período, Ester coloca-se em posição de humildade preocupando-se com o povo judeu, ao dizer “meu povo” e “minha parentela”, ou seja, compreende-se que a rainha não os tem como propriedade, mas sim como iguais, da mesma linhagem. Esta característica de comedimento da rainha era um atributo do caráter de Ester ao qual o rei se afeiçoava e assim concedia o que ela desejava. Além disso, fazendo-se igual e enfatizando que a perseguição era contra o povo ao qual ela pertencia, foi uma forma de pedir a atenção do rei para a proteção da sua própria vida. Essa intenção de Ester se revela no último versículo quando ela questiona o rei sobre de que forma ela ficaria caso esse mal sobreviesse a seu povo. As perguntas direcionadas ao rei são retóricas e servem para demonstrar a constrição e a preocupação de Ester, de forma a fazer com que ele se preocupasse também.

⁶³ PATTERSON, 2003.

⁶⁴ BÍBLIA SAGRADA, 1993, p. 534.

Os recursos linguísticos utilizados na construção da personagem Ester que exploram a inversão de termos da oração e os verbos de ação e ordem, bem como a forma como a fala de Ester é transcrita merecem atenção, pois é um forte indicador de como as palavras usadas por ela causavam efeito especial ao seu interlocutor, posto que seus pedidos eram atendidos imediatamente e pareciam irrecusáveis. Além disso, as ações de enfrentamento e abnegação diante da questão de se apresentar ao rei sem ser chamada são referências a sua personalidade forte, o que gerou admiração e atenção do rei e dos que conviviam com ela.

Dalila e Ester, até os dias atuais, têm seu poder representado em diversas culturas, principalmente entre as religiões que seguem a Bíblia Sagrada como sua fonte de espiritualidade e ligação com Deus. A figura da sedução de Dalila e do envolvimento maldoso que ela teve com Sansão é bastante mencionado quando o assunto é manipulação e/ou ambição. Já Ester é enaltecida por sua bravura e beneficência. Trata-se de uma personalidade admirada pelo destaque recebido em uma época patriarcal.

Considerações finais

A construção linguística das relações de gênero é um tema em evidência na atualidade, face a constante necessidade de as mulheres lutarem contra o sexismo nas mais diversas áreas do conhecimento. Abordar neste trabalho mulheres que marcaram as histórias bíblicas pareceu um tema instigante e de considerável relevância, pois pelo caráter patriarcal da época dos escritos bíblicos e também pela localização das cidades onde ocorreram as narrativas presentes na bíblia, a Palestina, em que as mulheres aparecem, na maioria das vezes, como coadjuvantes, ou até mesmo como personagens sem nome.

Na análise dos textos que narram fatos da vida das personagens Dalila e Ester, buscou-se evidenciar o quanto elas foram influentes, independente de suas intenções ou das consequências de seus atos. Enquanto Dalila, em função da ambição e pelo poder de seduzir Sansão, derrubou um juiz israelita, um homem que representava o povo; Ester foi uma rainha que influenciou no reino de seu marido e salvou seu povo.

As mulheres selecionadas como representantes do poder feminino em textos bíblicos viveram há séculos antes de Cristo, em uma época e em uma região onde a

mulher ainda hoje é sinônimo de súdita, subordinada às vontades do marido e da sociedade. Se as mulheres aqui analisadas possuíram a força que a análise dos textos bíblicos aqui realizada apontou, elas são também espelhos para as mulheres da atual geração, que devem continuar lutando para uma sociedade mais igualitária e menos preconceituosa.

Referências

BAKHTIN, Mikhail Mjkhailovitch. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BÍBLIA SAGRADA. Trad. João Ferreira de Almeida. rev. e atual. 2. ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

BRASIL. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. *Parâmetros curriculares nacionais do ensino médio: códigos e suas tecnologias*. Brasília: MEC, 2000.

CALDAS-COULTHARD, Carmem Rosa. LEEUWEN, Theo van. *Discurso crítico e gênero no mundo infantil: brinquedos e representações de atores sociais*. Linguagem em (Dis)Curso - LemD Tubarão, v. 4, número especial. 2004. p.11-33.

CASAGRANDE, Jacir Leonir. AMORIM, Tade-Ane de. *Sociologia: livro didático*. Palhoça. UnisulVirtual, 2007.

CORDEIRO, Betânia Silva. *As canções de Luiz Gonzaga sob o olhar da Análise Crítica do Discurso (ACD)*. Dissertação, (Mestrado em Ciência da Linguagem) - Curso de Pós-graduação em Letras/Linguística, Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2008.

DE LUCCA, Georgia Arisio. *A percepção do homem que cumpre pena pela Lei Maria Da Penha sobre os motivos que levam o companheiro a agredir sua companheira*. 2009. Monografia (Título de Psicólogo) – UNISUL.

DREYFUS, Hubert L. RABINOW, Paul. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discourse and social change*. London: Polity Press, 1992 [ed.br.: Discurso e Mudança Social. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.

FARIAS, Maria do Socorro de Almeida; PIRES, Vera Lúcia Pires. *A construção da imagem de si: O discurso feminino nas cartas de aconselhamento*. Fazendo Gênero 8 - Corpo, Violência e Poder. Florianópolis, 2008. Disponível em:

http://www.fazendogenero8.ufsc.br/sts/ST8/Farias-Pires_08.pdf. Acesso em: abril 2010.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes, 2004.

JOSEFO, Flávio. *História dos hebreus: de Abraão à queda de Jerusalém*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 8. ed. 2004.

LOSCH, Richard R. *Todos os personagens da Bíblia de A a Z: um manual completo para quem deseja conhecer profundamente a vida de cada uma das pessoas citadas na Palavra de Deus*. São Paulo: Didática Paulista, 2008.

MICHAELIS. *Dicionário escolar Língua Portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 2008.

PATTERSON, Dorothy Kelley. *A bíblia da mulher – notas e artigos*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil; Mundo Cristão, 2003.

RESENDE, Viviane de Melo. RAMALHO Viviane. *Análise de Discurso Crítica*. São Paulo: Contexto, 2006.

RODRIGUES, Denize Gizele. *Os estereótipos e a construção da identidade lingüístico-cultural no processo de ensino/aprendizagem de língua estrangeira no contexto teletandem – Relatório de Iniciação Científica – Linguística Aplicada, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, São José do Rio Preto, 2008. Disponível em: <<http://www.teletandembrasil.org/site/docs/RODRIGUES.pdf>>. Acesso em: abril 2010.*

SCARDUELI, Márcia Cristiane Nunes. *A representação da Delegacia da Mulher para policiais civis da 19ª região policial catarinense*. Dissertação (Mestrado em Ciência da Linguagem) – Curso de Mestrado em Ciências da Linguagem, Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2006.

SCHIMIDT, Alaid Schiavone. *Pequena enciclopédia bíblica de temas femininos*. São Paulo: Arte Editorial, 2007.

TILIO, Rogério C. *Discurso e Linguagem: uma perspectiva social*. Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades. v. 7, n XXV. 2008. Disponível em: <<http://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/reihm/article/view/13/20>>. Acesso em: abril 2010.

WODAK, Ruth. *Do que trata a ACD – um resumo de sua história, conceitos importantes e seus desenvolvimentos*. Linguagem em (Dis)curso - LemD, Tubarão, v. 4, n.esp, p. 223-243, 2004. Disponível em:<<http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0403/10.htm>>. Acesso em: abril 2010.